



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

ANDRIELE SOUTO DE ANDRADE

**PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:
QUANDO O EXCESSO DE SUPERPROTEÇÃO SE TORNA UM PROBLEMA?**

Miracema do Tocantins, TO

2022

Andriele Souto de Andrade

**Papel da família no processo de ensino aprendizagem:
Quando o excesso de superproteção se torna um problema?**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema, para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. Orientadora: Professora Doutora Juliana Chioca Ipolito.

Miracema do Tocantins, TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

A553p Andrade, Andriele Souto de.
Papel da família no processo de ensino aprendizagem: Quando o excesso de superproteção se torna um problema? . / Andriele Souto de Andrade. – Miracema, TO, 2022.
37 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2022.
Orientadora : Juliana Chioca Ipolito
1. Teoria do apego e a superproteção parental. 2. Educação escolar e afetividade. 3. Superproteção parental e as consequências para a educação dos sujeitos. 4. ... I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ANDRIELE SOUTO DE ANDRADE

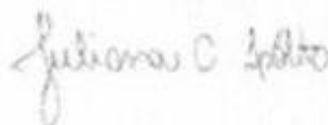
**PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM:
QUANDO O EXCESSO DE SUPERPROTEÇÃO SE TORNA UM PROBLEMA**

Monografia apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins –
Campus de Miracema, Curso de
Pedagogia, foi avaliada para a obtenção
do título de Licenciatura e aprovado em
sua forma final pela Orientadora e pela
Banca Examinadora.


Data de aprovação: 13/12/2022

Google Meet: <https://meet.google.com/zec-qpfm-krq>

Banca examinadora:



Profª. Dra. Juliana Chioça Ipolito, Orientadora, UFT



Profª. Dra. Kethlen Leite de Moura-Berto, Examinadora, UFT



Profª. M.a. Suzana Brunet Camacho, Examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, pela minha vida, por ter me dado forças e discernimento para ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da minha vida e do curso, nos momentos em que pensei em desistir, sempre senti sua presença me confortando e me dando força para seguir em frente, me mantendo na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final.

Aos meus pais, eu devo a vida e todas as oportunidades que nela tive e que espero um dia poder lhes retribuir, agradeço também por serem meu pilar, estarem ao meu lado e me fazer acreditar que tinha a força e as ferramentas necessárias para finalizar este trabalho. Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

Deixo também um agradecimento especial a Professora Dra, Juliana Chioca Ipolito, por ter aceitado ser a minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação, muita paciência e amizade, pois sem ela esta monografia não teria sido possível.

Enfim, o meu eterno agradecimento a todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

*O que se faz
agora com as
crianças é o que
elas farão depois
com a sociedade.*

Karl Mannheim

RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender em que medida a superproteção parental pode influenciar o desenvolvimento de uma criança. Para isso, e de forma a analisar a problemática de forma detalhada e aprofundada, se fez necessário conhecer John Bowlby e compreender como surgiu a Teoria do Apego, identificando os aspectos e princípios fundamentais de sua obra, a qual fornece elementos necessários para se discutir o papel e a importância do apego no desenvolvimento da criança. Desta forma, pretendeu-se com este trabalho compreender o impacto de uma educação superprotetora para o desenvolvimento das crianças, bem como compreender se a superproteção parental pode, de fato, influenciar o desenvolvimento das competências e aquisições da criança.

Palavras-Chave: Teoria Apego. Família. Superproteção. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

This research sought to understand the extent to which parental overprotection can influence a child's development. For this, and in order to analyze the problem in detail and in depth, it was necessary to know John Bowlby and understand how the Attachment Theory emerged, identifying the fundamental aspects and principles of his work, which provides necessary elements to discuss the role and importance of attachment in child development. Thus, the aim of this work was to understand the impact of an overprotective education on children's development, as well as to understand whether parental overprotection can, in fact, influence the development of children's skills and acquisitions.

Keywords: Attachment Theory. Family. Overprotection. Child Development.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	8
2.	TEORIA DO APEGO E A SUPERPROTEÇÃO PARENTAL	11
2.1	Superproteção parental	13
3	EDUCAÇÃO ESCOLAR E AFETIVIDADE	19
4	SUPERPROTEÇÃO PARENTAL E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO DOS SUJEITOS	27
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem o intuito de discutir sobre o papel da família no processo de ensino aprendizagem, visando a compreender quando o excesso de superproteção se torna um problema. Assim, nosso objetivo é compreender o impacto de uma educação superprotetora para o desenvolvimento das crianças, buscando conhecer os principais conceitos da teoria do apego. Para tanto, iremos, em um primeiro momento, apresentar uma discussão sobre o conceito de superproteção parental, para que possamos entender quais os principais medos dos pais e a linha tênue que separa a preocupação saudável da superproteção. Com essas análises pretendemos compreender os impactos de uma relação de superproteção dos pais no desenvolvimento dos filhos, esclarecendo os principais problemas que essa conduta causa.

De acordo com nossos estudos, identificamos que crianças que são criadas sob a superproteção dos pais terão mais problemas para se tornarem autônomas, tendo atraso no desenvolvimento, medo da socialização, porque não se envolvem com atividades sociais, e assim, com mais propensão ao isolamento, dependência emotiva, entre vários outros problemas que serão discutidos no decorrer dos capítulos.

Proteger as pessoas que amamos é essencial, mas o problema consiste no excesso de cuidados, muitos confundem o excesso de proteção dos filhos com demonstração de amor, sem compreender as consequências que esse tipo de comportamento pode ter em suas vidas.

A relação de afeto com a família é de extrema importância para um bom desenvolvimento interpessoal, e a falta de afeto na infância pode propiciar imaturidade emocional, impactando nos processos de aprendizagem escolar da criança. Segundo Dalbem e Dell'aglio (2005):

A criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foi cuidada. Mais tarde, em sua vida, esse modelo internalizado permite à criança, quando o sentimento é de segurança em relação aos cuidadores, acreditar em si própria, tornar-se independente e explorar sua liberdade. Desse modo, cada indivíduo forma um "projeto" interno a partir das primeiras experiências com as figuras de apego. Embora essas representações tenham sua origem cedo no desenvolvimento, elas continuam em uma lenta evolução, sob o domínio sutil das experiências relacionadas ao apego da infância. A imagem interna, instaurada com os cuidadores primários, é considerada a base para todos os relacionamentos íntimos futuros. (DALBEM; DELL'AGLIO, 2005, p. 15).

Por isso, dependendo das primeiras relações que a criança estabelece com

cuidadores, ela pode se tornar uma pessoa egoísta, sem empatia, podendo desenvolver dependência emocional, transtornos depressivos, fobias e com forte propensão aos vícios na adolescência ou na vida adulta, o que impacta na sua carreira acadêmica.

É no seio familiar que temos nossa primeira visão de mundo. Nota-se que há várias pesquisas relacionadas às consequências da falta de afeto familiar para o desenvolvimento das crianças. No entanto, pouco é discutido sobre as consequências de uma criação superprotetora.

O meu interesse pela temática foi em decorrência de verificar que poucos trabalhos discutem sobre superproteção parental, esta que, muitas vezes, impede que as crianças se desenvolvam com autonomia e segurança, impactando, inclusive em seu desempenho acadêmico. Daí a necessidade de buscar uma compreensão mais ampla sobre o tema. Logo, essa pesquisa se justifica por sua importância em colaborar para reflexão de um dos fatores que levam muitas crianças ao fracasso escolar, bem como pela falta de pesquisas na área. Porém, há também um caráter pessoal nessa pesquisa, já que tive uma criação superprotetora.

O excesso de proteção pode ser aprisionador para uma criança, e algumas atitudes controladoras podem virar uma obsessão, sufocando e prejudicando o seu amadurecimento, pois acostuma-se a sempre ter a proteção de um adulto, até mesmo fazer novas amizades sozinha pode se tornar amedrontador. Logo, esse sentimento constante de alerta aumenta o estresse e a ansiedade das crianças. Segundo Cavalcanti, Silva e Porto (2014):

A superproteção pode ser entendida como o cuidado em excesso, pelos pais com seus filhos, e que poderá resultar num bloqueio no desenvolvimento e no aprendizado, pois para a criança essa inibição em explorar o mundo é vista como uma frustração para a mesma e que com o passar do tempo poderá gerar problemas sociais e afetivos. (CAVALCANTI, SILVA; PORTO, 2014, p. 6).

A abordagem da pesquisa é exploratória utilizando como procedimento a pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica para Fonseca (2002, p. 32):

[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir da leitura extensiva de artigos publicados em revistas indexadas, livros e pesquisas de dissertação de mestrado e doutorado publicadas na base de teses e dissertações da Capes, entre os anos de 2010 e 2020. Selecionamos, deste modo, as pesquisas que tratavam, principalmente, da relação de superproteção parental para o desempenho acadêmico das crianças.

Realizamos nossas análises utilizando como uma das referências a Teoria do Apego (BOWLBY, 2002), a qual descreve como os primeiros vínculos de um indivíduo podem moldar as expectativas futuras dele sobre si e sobre o mundo, influenciando suas relações, a maneira como se enxerga o mundo e como enxerga os outros. Com o passar do tempo essas representações feitas pela criança ficam cada vez mais complexas e vão fazendo parte da construção da sua personalidade. A criação dessas representações ocasionam na elaboração de um modelo interno da própria criança, que mais tarde começa a se demonstrar nas suas primeiras relações e interações com outras pessoas. Por isso, vê-se a necessidade dos pais saberem fazer a dosagem equilibrada dos cuidados com os filhos, para que isso não ocasione problemas psicológicos, sociais e afetivos para a criança.

Com isso, essa pesquisa pretendeu aprofundar a discussão sobre a relação entre os vínculos parentais e o desenvolvimento infantil, com foco na superproteção, e como esta pode impactar no desempenho acadêmico das crianças

2. TEORIA DO APEGO E A SUPERPROTEÇÃO PARENTAL

A superproteção parental é um tema pouco debatido na literatura, mas que deveria ter uma atenção maior, pois embora o apego seja tão fundamental quanto outros comportamentos dos seres humanos, em excesso pode causar muitos danos ao desenvolvimento social e emocional do indivíduo. Mas será que esses danos seriam tão profundos e perigosos? Será que a superproteção não seria essencial na atual sociedade em que vivemos? Para obtermos essas respostas se faz necessário investigarmos a temática, e iniciaremos nossa investigação através dos estudos de John Bowlby sobre a teoria do apego, para em seguida, fazermos uma discussão sobre a superproteção parental e suas consequências para o desenvolvimento das crianças.

A teoria do apego é a teoria que trata dos relacionamentos entre as pessoas, e tenta descrever como ocorre essa conexão, apontando que o apego seja algo inato do ser humano. O apego significa um vínculo afetivo ou ligação entre um indivíduo e uma figura de apego (comumente um cuidador), ou seja, a relação de apego entre uma criança e um cuidador é resultado das necessidades que a criança possui de segurança e proteção, fundamentais na infância. Segundo essa teoria, ao nascermos temos o instinto de nos apegar a pessoa mais próxima, que nos ofereça cuidado e proteção, com a finalidade de sobreviver. Assim, o comportamento de apego é definido como: “Qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo” (BOWLBY, 1989, p. 38).

Segundo o psicanalista B. Golse (1998), o comportamento de apego é instintivo e pode, no decorrer da vida, modificar-se. Ainda segundo o autor, embora alguns desses comportamentos de nossos pais podem exteriorizar-se em nós, eles não são herdados, não estão no nosso DNA. Já Cassidy (1999) explica que o apego não está inteiramente ligado a associações de prazer e cuidado, e que há casos em que crianças também se apegam a figuras abusivas. Ou seja, as crianças apresentam o comportamento de apego quando seus cuidadores respondem às suas necessidades fisiológicas, e também quando não o fazem, pois o comportamento de apego está presente em variadas intensidades e formas.

De acordo com a psicóloga Mary Ainsworth (1989) o comportamento de apego pode ter formas ativas, na qual a criança quer ficar sempre próxima ao seu cuidador, seguindo-o aonde ele for, e formas aversivas, como chorar, ou aparecer sob a forma de

sinais comportamentais, como sorrir e verbalizar de modos diversos. Todas essas formas podem manifestar-se em crianças, adolescentes e adultos ao procurarem a aproximação com outras pessoas.

Mas de acordo com o psiquiatra John Bowlby, conhecido como o principal idealizador da teoria do apego, este pode ser compreendido como um mecanismo básico dos seres humanos, segundo o qual, para que um bebê tenha seu desenvolvimento social e emocional, é preciso que ele desenvolva um relacionamento com um cuidador, buscando esses vínculos para que possa sobreviver (BOWLBY, 1989). Um bom exemplo disso seria o fato de o bebê não conseguir se alimentar sozinho, sendo, portanto, dependente da mãe para alimentá-lo, ocasionando uma relação de apego com ela. O apego é esse vínculo que se desenvolve e que gera a sensação de segurança, e neste exemplo, as crianças associam esse sentimento à pessoa que esteja cuidando dela, pois segundo Bowlby: “Essencial para a saúde mental é que o bebê e a criança pequena mantenham uma relação contínua, íntima e afetuosa com as mães (ou seus cuidadores substitutos) – relação que traga a ambos satisfação e prazer.” (BOWLBY, 1984, p. 4).

Desta forma, nessa teoria o cuidador é tido como uma figura provedora de cuidado e segurança, sendo capaz de responder de forma flexível a uma ampla margem de necessidades que surgirem, deve ter conhecimento adequado de como prover cuidado apropriado e estar disponível quando necessário. Precisa ter recursos emocionais e materiais: habilidade de criar empatia e se colocar no lugar do indivíduo. Sendo assim, o apego nada mais é do que um vínculo que transmite uma sensação de segurança:

[...] a forte propensão de uma criança a se apegar à mãe e ao pai, ou a quem quer que esteja cuidando dela, pode ser compreendida como tendo a função de reduzir o risco de que algo de mau lhe aconteça. A melhor política, em termos de segurança, é estarmos próximos ou em fácil comunicação com alguém que possa nos proteger (BOWLBY, 1989, p. 85 apud FREITAS, 2020, p. 14).

O comportamento de apego está fixado em todos nós e é considerado tão fundamental quanto outros comportamentos dos seres humanos. Sabe-se que crianças precisam de amor, cuidado, orientação e limite. Além disso, a infância é uma fase onde predomina a curiosidade, e é neste momento de descobertas que os pais exercem um papel fundamental na orientação de seus filhos na atividade de conhecer o novo, de experimentar situações diferentes e de ter outros enfrentamentos. Essa atitude vai

auxiliar na formação de uma estrutura interna saudável e equilibrada, pois foi dada ao outro a chance para desenvolver a sua inteligência, sagacidade e perspicácia, sendo que:

A Família é o pilar fundamental na construção da identidade individual, as suas dinâmicas tem uma influência preponderante no desenvolvimento social, intelectual e emocional dos seus descendentes, uma vez que é no seu seio que ocorrem as primeiras experiências, os primeiros vínculos emocionais e o estabelecimento das primeiras relações sociais. (OLIVEIRA, 2002 apud PACHECO, 2013, p. 14).

Essa teoria argumenta que caso a criança seja privada do cuidado durante seus primeiros anos, ela pode sofrer consequências irreversíveis em sua formação emocional, pois segundo Bowlby (1989), as primeiras relações de apego, estabelecidas ainda na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida.

De acordo com as pesquisas feitas pela psicóloga do desenvolvimento Mary Ainsworth (1978) existem dois grandes grupos de estilo de apego que são: os seguros e os inseguros. Enquanto as crianças seguras se mostravam confiantes na exploração do ambiente e usavam seus cuidadores como uma base segura de exploração, pois a presença da figura de apego gerava uma sensação de tranquilidade na criança, as crianças categorizadas como inseguras tinham em comum baixa exploração do ambiente e pouca ou intensa interação com suas mães.

Mas até que ponto o apego e o cuidado são saudáveis para o desenvolvimento da criança? Quando estes se tornam exagerados, com atitudes de superproteção dos pais em relação aos filhos, podem acarretar em problemas psicológicos para estes como, por exemplo, ansiedade e insegurança exacerbada, imaturidade, intolerância à frustração, dentre outros (URRA, 2009 apud PACHECO, 2013). De fato, o excesso de cuidados pode se tornar prejudicial à convivência e integração familiar. Por isso, os pais têm que saber dosar e equilibrar os cuidados com os filhos, para que isso não acarrete em problemas psicológicos, sociais e afetivos para a criança.

2.1 Superproteção Parental

Sabe-se que a maioria dos pais buscam proteger seus filhos e evitar que estes se machuquem, mas também é necessário refletir a respeito de quando esse nível de proteção se torna excessivo e quais os impactos disso no processo de escolarização das crianças.

Segundo Pacheco (2013, p. 23) “[...] é essencial que os pais tenham confiança em si mesmos de modo a conseguirem acreditar nas suas capacidades enquanto pais e assim não caírem no exagero, no que se refere à educação dos filhos”. Isso porque o controle constante dos filhos gera comportamentos de insegurança neles, numa fase crucial, que é o início do seu desenvolvimento. Desta forma, poupá-los de correr riscos e conhecer coisas novas é o mesmo que lhes cortar as “asas” para que não possam ou não queiram “voar”. De acordo com Naouri (2009 apud PACHECO, 2013, p.24-25):

Outro aspeto importante de evidenciar é a promoção de autonomia, muitos pais, [...] têm dificuldade em dar liberdade à criança, facilitando muitas das tarefas do cotidiano, o que impede que as crianças as consigam desempenhar de forma autónoma e capaz, sendo possível perceber que a superproteção é um fator impeditivo para o crescimento adequado da criança. (NAOURI, 2009 apud PACHECO, 2013, p.24-25)

É normal querer proteger o filho dos perigos do mundo, principalmente quando ele é pequeno. Mas é necessário tomar cuidado para garantir que as crianças não serão superprotegidas, o que acaba por tirar delas algumas responsabilidades e experiências importantes para seu desenvolvimento saudável, já que a superproteção pode causar riscos para o desenvolvimento emocional, social e até físico das crianças:

A superproteção e a existência de um sistema de regras muito rígido e controlador, parecem proporcionar uma baixa autonomia e insegurança, perante o meio que no seu conjunto parece reforçar o comportamento ansioso (FISAK; GRILLS-TAQUECHEL, 2007 apud RITA, 2018, p. 18).

Pais superprotetores não só limitam as experiências do filho na tentativa de proibir tudo que possa pôr em risco sua integridade, como prejudicam a sua autonomia e a autoconfiança ao assumir tarefas que o filho já teria condições de desempenhar. Isso porque, quando os pais tomam as responsabilidades das crianças, eles estão mandando uma mensagem clara: a de que o filho não é capaz de fazer aquilo. Segundo Urra (2009), crianças superprotegidas se tornam pessoas inseguras e dependentes. O autor ainda descreve as crianças educadas com superproteção como:

[...] vulneráveis; sem autonomia; com temores e medos específicos, sobretudo do desconhecido; com baixa autoestima; com dificuldade em tolerar a frustração; movimentam-se por impulsos e procuram satisfações imediatas; não são capazes de terminar atividades que impliquem esforço e receber a gratificação depois; não se responsabilizam pelas consequências dos seus atos; não amadurecem; são mais propensas a serem influenciadas por más companhias e a cair em condutas aditivas. (URRA, 2009 apud PACHECO, 2013, p. 25)

Para Skinner (1972), o processo de ensino-aprendizagem é realizado pelo reforço/estímulo do comportamento desejado. Pois segundo o mesmo:

[...] o professor desempenha o papel ativo de transmissor. Compartilha suas experiências. Dá e o aluno recebe. O aluno aplicado capta a estrutura de fatos ou ideias. Se o aluno não for ágil, o professor o impressiona com os fatos, incute nele as ideias, ou inculca o bom gosto e o gosto de aprender (SKINNER, 1972, p. 2).

Ou seja, a teoria dele baseia-se na ideia de que o aprendizado ocorra em função de mudança no comportamento manifestado, e as mudanças no comportamento são o resultado de uma resposta individual a eventos (estímulos) que ocorrem no meio. Assim, uma resposta produz uma consequência. Por exemplo, se uma criança for estimulada por seus pais ou tutores a se relacionar de forma saudável, a descobrir o mundo a sua volta, ela irá ter confiança e explorar sem medos. Caso contrário, se a criança receber estímulos de medo e perigo constante, é bem provável que a criança sinta esse pavor e recuse-se a sair de sua “zona de conforto”.

Vygotsky (1982), também acredita que o meio em que a criança está inserida é fundamental para seu desenvolvimento intelectual. Isso porque, ao nascermos já estamos inseridos em um meio social (nossa família) e é nesse meio que estabelecemos nossas primeiras relações com a linguagem. Mas é necessário que haja uma interação com o mundo, pois o desenvolvimento ocorre de fora para dentro, ou seja, todos os dias, em todos os lugares, a criança observa o que as pessoas dizem, como o dizem, o que fazem e por que o fazem, e assim absorve tudo isso e o transforma em sua propriedade, recriando, dentro de si, as conversações e demais interações observadas.

Além de Vygotsky, outro estudioso do desenvolvimento humano, Jean Piaget (1972), propõe o processo de aprendizagem de forma construtivista, tendo início na infância, e ocorrendo de acordo com a interação com o meio ao seu redor. Piaget dividiu o desenvolvimento cognitivo em quatro estágios principais. O primeiro deles, chamado de sensório-motor, diz respeito à primeira fase do desenvolvimento cognitivo sensório-motor. Assim, a cognição infantil parece focalizar-se apenas no que eles podem perceber imediatamente, pelos seus sentidos. O segundo estágio, chamado de pré-operatório, a criança começa a desenvolver ativamente as representações mentais internas, dizendo o que está em sua mente, sem considerar muito o que outra pessoa disse. O terceiro estágio, de operações concretas, onde as crianças tornam-se capazes

de manipular mentalmente as representações internas que formaram, durante o período pré-operatório, ou seja, eles agora não só têm ideias e memórias dos objetos, mas também podem realizar operações mentais com essas ideias e memórias. E, por fim, o estágio operatório formal, no qual as crianças começam a compreender algumas coisas que elas mesmas não tinham experimentado diretamente. Elas começam a ser capazes de ver a perspectiva dos outros. Por exemplo, elas podem imaginar como outra criança pode ver uma cena (como aqueles quadros antigos de paisagens que geralmente tem na casa dos avós).

Em cada fase do desenvolvimento da criança se vê a necessidade de fornecer estímulos adequados ao sujeito para a construção dos seus aspectos figurativos, mais especificamente, aspectos relacionados às sensações e às percepções, os quais são imprescindíveis até que se consiga alcançar o nível de autonomia no decorrer da vida.

Segundo diversos pesquisadores em psicologia do desenvolvimento, de diferentes filiações teórico-metodológicas (VYGOTSKY, 1982; PIAGET, 1972; SKINNER, 1978), que embora diverjam em vários pontos, há uma concordância quanto a aprendizagem ao longo da vida, na qual ocorre por "tentativa e erro", por meio de experiências e também de regras e limites externos. Mas, os pais que utilizam exclusivamente da terceira forma para ensinar os filhos, podem ter como consequência filhos que tendem a seguir os conselhos ou ordens de outras pessoas, limitando suas possibilidades de ação e criatividade. Assim, ainda que as regras sejam importantes e devam fazer parte da educação, elas não devem ser exclusivas, pois pais superprotetores que tendem a usar apenas essa forma de educar, não permitem que os filhos aprendam na prática a como se relacionar com o mundo. Segundo Cavalcanti, Silva; Porto (2014):

As crianças que estão na fase da educação infantil, estão passando por momentos de descobertas a respeito do mundo as quais fazem parte, e que são essenciais para o seu aprendizado. Portanto, é fundamental que os familiares, proporcionem momentos de liberdade, para que as crianças façam suas atividades com autonomia, as quais irão influenciar em seu desenvolvimento e na sua socialização. (CAVALCANTI, SILVA; PORTO, 2014, p. 8).

Tentar auxiliar a criança em tarefas nas quais elas apresentam total capacidade para executar sozinhas é um grande equívoco. Isso porque, é tirada a autonomia e a oportunidade da criança de aprender com seus próprios erros. Consequentemente, isso acaba impossibilitando que ela desenvolva algumas habilidades, como por exemplo a

de se socializar, o que desfavorece o progresso da maturidade e independência da criança. De acordo com Napoli; Viana e Alves (2016):

Os adolescentes estão cada vez mais inseguros, ansiosos e depressivos, e estudos confirmam essas consequências como decorrentes de um excesso de proteção, onde os pais monitoram os filhos, de forma a não proporcionar-lhes autonomia, exigindo muito dos mesmos, projetando seus próprios anseios e temores nesta nova geração. Geração esta que se vê incapaz de superar desafios e frustrações sem a ajuda de seus pais controladores. (NAPOLI; VIANA; ALVES, 2016, p. 2).

Quando isso acontece, a capacidade criativa e de aprendizagem são afetadas, pois esse excesso de proteção pode causar o aumento de estresse e ansiedade nos filhos quando há proibição de participar de atividades sociais, como os passeios escolares. Isso gera insegurança e dificuldades de socialização devido à transmissão do medo dos pais em relação a sociedade que está cada vez mais violenta, e enraizando o pensamento e sentimento de que quando longe, a criança não estará segura. Segundo Cavalcanti, Silva e Porto (2014):

O desenvolvimento infantil consiste em uma sucessão de etapas, nas quais ocorrem uma série de mudanças físicas e psicológicas, que vão implicar no crescimento da criança. Práticas educativas superprotetoras podem acarretar prejuízos ao desenvolvimento da criança e do adolescente. Produzindo sentimentos intensos de medos, ansiedade, depressão, hostilidade, baixa autoestima, entre outros sentimentos negativos. (CAVALCANTI, SILVA; PORTO, 2014, p. 8).

A parentalidade excessiva tem se apresentado cada vez mais forte na sociedade atual. Essa forma de “criar” os filhos caracteriza-se pelo pouco estímulo dos pais para o desenvolvimento da autonomia da criança, ocorrendo muitas interferências onde se espera que a criança possa atuar por si. Mas essa ligação entre pais demasiadamente envolvidos e consequências negativas é encontrada ao examinar crianças de todas as idades. De fato, crianças em nível de educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental que têm pais superprotetores tendem a manifestar altos níveis de timidez e ansiedade e relações ruins com os colegas. De acordo com Macedo e Sandoval (2010):

Como efeito colateral da superproteção, os especialistas em educação infantil começam a notar um aumento no número de crianças ansiosas e inseguras. Não é difícil identificar uma delas em sala de aula: é a que pede atenção e aprovação para cada tarefa que realiza. Consulta os professores com frequência quase insuportável. Fora da sala, tem medo de se machucar no parquinho (mesmo essa excrescência americana que é o playground de chão emborrachado), evita ir sozinha ao banheiro, pede ajuda a todo momento.

Tamanho dependência está na raiz da baixa autoestima. (MACEDO; SANDOVAL, 2010, p. 5).

A parentalidade excessiva não tem consequências negativas apenas para as crianças. Os pais que têm essa postura, segundo Macedo e Sandoval (2010) são mais propensos a experimentar altos níveis de ansiedade, estresse e arrependimento. Isso tem, novamente, consequências negativas para os filhos, que podem assimilar a ansiedade dos pais e fazê-la sua.

A superproteção e a existência de um sistema de regras muito rígido e controlador, parecem proporcionar uma baixa autonomia e insegurança, perante o meio que no seu conjunto parece reforçar o comportamento ansioso (FISAK; GRILLS-TAQUECHEL, 2007 apud RITA, 2018, p. 6).

As consequências do cuidado em excesso por parte dos pais prejudicam o desenvolvimento escolar da criança, pois ao invés de procurar suas próprias respostas, as crianças crescem dependendo dos outros, esperando que os seus problemas sejam resolvidos por alguém, sem acreditar que são capazes de resolver por si mesmos as questões. Muitos acabam tendo dificuldades em comunicar-se, expressar suas opiniões e ter iniciativa, tornando-se crianças tímidas e isoladas socialmente por medo e/ou insegurança de interagir com os demais ao seu redor, e como consequência, atrasando seu desenvolvimento e rendimento escolar.

Além do amor incondicional dos pais, do carinho e da atenção, as crianças necessitam de critérios claros e de conhecer as consequências para os seus atos. As crianças precisam, gradativamente, ter a liberdade de fazer as coisas por si mesmas, de resolver os seus próprios problemas e arcar com as consequências de suas próprias ações. Isso fará com que elas cresçam mais seguras e desenvolvam a capacidade de aprender a partir de suas próprias vivências, inclusive com os seus próprios erros, tornando-se, assim, pessoas mais preparadas para o mundo.

Como vimos ao longo deste capítulo, há muitas variáveis envolvidas em relação ao apego e a superproteção, podendo existir, até mesmo, a influência da criação que os pais tiveram enquanto crianças, mas se faz necessário discernir uma criação saudável que estimule a criança a buscar a independência de maneira natural e apropriada, da criação superprotetora que provoca dependência nociva na criança. No capítulo a seguir será abordado sobre a educação escolar e afetividade e qual a sua importância para o desenvolvimento da criança.

3. EDUCAÇÃO ESCOLAR E AFETIVIDADE

Iniciaremos este capítulo discorrendo sobre a afetividade e como ela é vista no ambiente escolar e familiar, uma vez que, a partir dela, as relações interpessoais e a aprendizagem passam a ser analisadas de forma integrada. Vale ressaltar que a afetividade surge, em um primeiro momento, no ambiente familiar e, posteriormente, nos convívios sociais extrafamiliares.

Desta forma, a abordagem da afetividade em pedagogia é adequada, pois quando falamos de emoções devemos levar em conta os sentimentos e paixões tanto de professores quanto de alunos, que são aquelas expressões da vida social e emocional e que são acompanhadas de reações e anseios que estão intrinsecamente associados na vida cotidiana da sala de aula.

Nessa perspectiva, para melhor compreensão, a emoção é definida pelo Dicionário Aurélio (1994): “Psicol. Reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual se acompanha dum estado afetivo de conotação penosa ou agradável”.

De acordo com Amorim (2012):

A emoção é entendida como base da afetividade que se desdobra, passando a ser vinculada a processos relacionais e culturais - tanto a nível macrossistêmico como microssistêmico, como na família, na escola, dentre outros contextos - sendo base para a própria constituição do ser humano. (AMORIM, 2012, p. 306).

Da mesma forma, o conceito de afetividade e sua relevância, segundo o dicionário Aurélio (1994), é definido como: “Conjuntos de fenômenos sobre a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre com a impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado de alegria ou tristeza”.

Segundo o médico e educador Henri Wallon (1954):

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente. (WALLON, 1954, p. 288).

Diante dessas afirmações citadas por Amorim (2012), a definição do Dicionário Aurélio (1994) e Wallon (1954), podemos confirmar que a afetividade desempenha um

papel importante nas relações sociais básicas. De acordo com uma abordagem menos formal e mais simples, quando se trata de afeto, geralmente se refere a expressões de afeto. Deste modo, o compreendemos como um sentimento de grande importância para a qualidade de vida e saúde mental de todos os seres humanos, pois afeta o comportamento e o desenvolvimento cognitivo e, portanto, a relação entre o ensino e a aprendizagem.

Ressalta-se que, para a criança, a escola, na maioria das vezes, é o primeiro ambiente externo aonde ela irá se relacionar com outros indivíduos e construir suas emoções e afetividade. Isso nos conduz a considerar que a questão da afetividade tem sido bastante discutida pelos profissionais da educação e familiares de alunos, a qual é percebida como de grande valor no processo de ensino e aprendizagem. Portanto, é pertinente aprofundarmos a investigação sobre o conceito de afetividade.

Segundo Ferreira (1999, p.62) afetividade significa: “Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza”.

Almeida (1995) cita que:

[...] chama-se educação o ato da busca, da troca, da inteiração e apropriação do conhecimento. O autor lembra que a educação não acontece por si só, mas pela ação conjunta entre as pessoas que cooperam, comunicam-se e comungam o mesmo saber. Assim, define educar como “um ato cultural (valores) social (relação), psicológico (inteligente), afetivo, existencial (concreto) e acima de tudo político pois, numa sociedade de classes, nenhuma ação é simplesmente neutra, sem consciência de seus propósitos. (ALMEIDA, 1995, p.11).

Ressalta-se que um ensino onde há a participação de professores e alunos e que não se estabeleça uma relação de afeto positivo, certamente trará danos para a ação pedagógica, pois podem comprometer não só o educador, mas também o aluno. Pode-se dizer que a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento socioafetivo da criança, tornando-a sujeito do conhecimento e do afeto, permitindo um maior crescimento intelectual e emocional. De acordo com Miukami (1986):

A educação tem como finalidade primeira a criação de condições que facilitem a aprendizagem do aluno, e com objetivo básico liberar a sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional. Seria a criação de condições nas quais os alunos pudessem tornar-se pessoas de iniciativa, de responsabilidade, de autodeterminação, de discernimento, que soubessem aplicar-se a aprendizagem as coisas que lhes servirão para a solução de seus problemas

e que tais conhecimentos os capacitassem a se adaptar com flexibilidade às novas situações, aos novos problemas, servindo-se da própria experiência, com espírito livre e criativo. Seria, enfim, a criação de condições nas quais o aluno pudesse tornar-se pessoa que soubesse colaborar com os outros, sem por isso deixar de ser indivíduo. (MIUKAMI, 1996, p. 44 e 45).

Para relacionarmos a afetividade com o processo de ensino e aprendizagem, é necessário discutirmos sobre o desenvolvimento da criança através da interação infantil, uma vez que o educador competente poderá preparar uma ação adequada para as reais necessidades de seus alunos. Segundo Almeida (1999), a escola:

Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos. Ao contrário da família, na qual a sua posição é fixa na escola ela dispõe de uma maior mobilidade, sendo possível a diversidade de papéis e posições. (ALMEIDA, 1999, p. 99).

Compreende-se que o docente e os colegas são partes integrantes e permanentes no que diz respeito à ampliação dos conhecimentos, bem como nas atitudes das crianças, o que poderá ser inteirado individualmente e socialmente. Por meio de diversas interações entre família / escola e professor / aluno, o meio proporciona conhecimentos eficazes para a construção da personalidade da criança, tanto no ambiente escolar como no familiar. Destacando que a criança precisa ser reconhecida como ser integrante do meio em que está inserida e ser elogiada, o que no ambiente escolar pode ser realizado através da demonstração de interesse do professor pela criança, criando, desta forma uma relação de afeto entre ambos, o que resultará no sentimento de pertencimento ao ambiente escolar pela criança.

Ligada à emoção, a afetividade determina o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifesta dentro dele. Dessa forma, a presença ou ausência do afeto determina a forma com que um indivíduo se desenvolverá. Determinando também a autoestima a partir da infância, pois a partir do momento em que uma criança recebe afeto de outras pessoas, ela consegue crescer e desenvolver-se com segurança e determinação.

Para Vygotsky (1999), as emoções têm um legado biológico, porém, é superado pelo caráter sócio-histórico das relações estabelecidas entre os indivíduos e seu entorno. Segundo o autor,

[...] nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos

maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção. (VYGOTSKY, 2001, p. 71)

Como podemos perceber no excerto acima, Vygotsky (2001) enfatiza a supremacia dos processos históricos, ao esculpir a cultura das relações sociais, determinando o gosto e a textura emocional dos indivíduos. Vygotsky (2001, p. 126) continua sua reflexão dizendo que “as emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções”.

Assim podemos afirmar que as emoções, segundo Vygotsky (2001), representam um retrato das relações sociais e dos processos históricos que são impostos a uma determinada sociedade. Além de que, o professor é uma figura essencial do conhecimento, pois representa a relação intermediária entre o estudante e o conhecimento disponível no ambiente.

Portanto, o papel do professor, segundo Vygotsky (1992), é o de orientar o aluno e, ao mesmo tempo, fornecer as ferramentas certas para que seu desenvolvimento cognitivo ocorra da maneira mais adequada. Assim, a função da profissão é levar o indivíduo à aquisição de conhecimento.

Nesse sentido, quando a criança se sente segura e protegida por uma relação de confiança com o educador, o aprendizado torna-se mais prazeroso, pois o afeto pode ser sentido quando o educador se mostra paciente, disposto a ajudar, dedicado aos anseios dos alunos. Da mesma forma, se os alunos não percebem esses elementos cativantes, isso pode levar à insegurança, até mesmo ao medo, resultando em alunos desinteressados em aprender, hostis ao que está sendo ensinado por aquele professor com o qual eles não se sentem confortáveis.

Para Piaget (1975, p. 265), “afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes”. Assim, compreende-se que a vida afetiva e social, como formas de adaptação, é auxiliada pela constante assimilação das situações presentes com as anteriores. Essa assimilação é responsável pela existência de esquemas afetivos, ou seja, formas relativamente estáveis de sentir e reagir em relação aos outros.

Piaget apud Faria (1993, p. 8) ressalta que: “enquanto os esquemas afetivos levam à construção do caráter, os esquemas cognitivos conduzem à formação da inteligência” Desta forma, compreende-se que a afetividade é de suma importância para todos os seres humanos, pois contribui para influenciar o crescimento, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo. Já que, a partir dela, as relações interpessoais e a aprendizagem passam a ser analisadas de forma integrada.

Desta forma, considera-se que a educação e todo o processo educativo são responsáveis pela formação do indivíduo. Vale ressaltar que a primeira experiência de educação é iniciada em casa, onde a presença da afetividade nas relações e na forma de ensinar caminham juntas. Assim, quando a criança vai para o ambiente escolar, esse espaço se torna mais favorável para a aprendizagem e facilitará para que a afetividade se torne mais presente.

Destaca-se que a afetividade na escola proporciona bem-estar e autoconfiança através de uma relação segura e confiável entre estudantes e professores, onde a interatividade e a troca de experiências evidenciam os valores e o afeto, contribuindo dessa forma para facilitar a comunicação, desenvolvendo as potencialidades para que haja dentro do espaço escolar um convívio afetivo entre docente e discente. Assim, de acordo com Antunes (2008):

A origem biológica da afetividade, como se percebe, destaca a significação do “cuidar”. O amor entre humanos surgiu porque sua fragilidade inspirava e requeria cuidados e a forma como esse cuidar se manifesta é sempre acompanhada da impressão de dor ou prazer, agrado ou desagrado, alegria e tristeza. Percebe-se, portanto, que afetividade é uma dinâmica relacional que se inicia a partir do momento em que um sujeito se liga a outro por amor e essa ligação embute um outro sentimento não menos complexo e profundo. A afetividade, ao longo da história, está relacionada com a preocupação e o bem-estar do outro; a solidariedade não apareceu na história humana como sentimento altruísta, mas como mecanismo fundamental de sua sobrevivência. (ANTUNES, 2008, p. 1)

A afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de algumas situações. Assim, a afetividade influencia a vida como um todo e não apenas aspectos relacionados ao âmbito pessoal e aos relacionamentos, já que sua ausência pode causar vários transtornos para uma pessoa, como depressão, medo excessivo, insegurança, carência e até mesmo rebeldia, fazendo com que essas pessoas se distanciem quando o assunto são os sentimentos e emoções.

Especialistas em educação, como Jean Piaget (1972) e Lev Vygotsky (1982), ainda que possuíssem divergências epistemológicas, concordavam que o modo como uma pessoa se relaciona com o mundo e com os outros tem uma forte influência sobre o seu processo de aprendizado e desenvolvimento.

As crianças estão em constante desenvolvimento tanto físico, quanto social e mental. E para se ter um resultado notável, é indispensável muito amor e respeito, tanto no âmbito familiar quanto escolar, sendo necessário que ambos estejam atentos às necessidades do aluno, acolhendo e pondo limites quando necessário, estabelecendo laços afetivos e o preparando para ser um cidadão afetivo, crítico, responsável, flexível e ativo na sociedade.

Entendemos que a educação pode propiciar o desenvolvimento de funções psicológicas importantes para o controle e a regulação das emoções. Isso é importante pois, conforme nos explica Vygotsky (2010, p. 139) “as emoções são esse organizador interno das nossas reações, que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento”.

Já segundo Piaget e Inhelder (1990):

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis. (PIAGET, INHELDER, 1990, p. 109):

A afetividade na escola proporciona autoconfiança e autoestima. Por meio de uma relação segura, alunos e professores trabalham a interatividade e a troca de experiências, evidenciando os valores e o afeto, facilitando a comunicação, incentivando seus desejos e vontades, valorizando suas qualidades e aptidões, promovendo a união e capacidade de cada um.

Um ponto bastante importante que devemos esclarecer diz respeito a prática da educação em busca da participação afetiva da criança, pois deve se organizar de uma forma que as crianças desenvolvam suas capacidades. De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI, 1998, p. 63), a prática da educação infantil deve ser organizada promovendo as seguintes capacidades nas crianças:

- Desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- Descobrir e conhecer limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem estar;
- Estabelecer vínculos afetivos de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- Estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- Observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- Brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- Utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva. (RCNEI, 1998, p. 63).

Nota-se que a educação infantil possui as diretrizes necessárias para fortalecer os vínculos afetivos e promover o desenvolvimento físico e intelectual da criança.

Segundo Tassoni (2012):

A figura do professor, seu desempenho, suas características pessoais, sua maneira de se relacionar, modos de agir e de falar produzem sentimentos e emoções que influenciam a aprendizagem, afetando a relação dos alunos com o conteúdo, com a escola, com os próprios professores e consigo mesmos. Eles constroem a imagem de si percebendo do que são capazes, identificando suas dificuldades, compreendendo ou não os conteúdos, a partir das situações vivenciadas com os professores e dos sentimentos e emoções que elas produziram. (TASSONI, 2012, p. 90).

Além disso, segundo Vygotsky (2003, p. 121) “um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente”, ou seja, o papel do professor se torna determinante no processo de ensino e aprendizagem contribuindo desta forma, para que a criança se sinta estimulada e segura quanto à aquisição do conhecimento.

A afetividade está relacionada diretamente a todas as formas de sentimentos e gestos das vivências humanas, e exerce um papel essencial, além de influenciar decisivamente a memória, o pensamento, a percepção, a vontade e as ações. Sendo um elemento essencial da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana. Segundo Lima e Souza (2001):

A vivência emocional e a qualidade das experiências e dos laços afetivos são muito importantes para o desenvolvimento humano. As experiências nestes primeiros anos de vida são as que contribuem para que o ser humano estabeleça determinados padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções. (LIMA; SOUZA, 2001, p. 12).

Ao longo da vida, os laços criados pela afetividade não são baseados somente em sentimentos, mas também em gestos, sendo de grande influência. Estes, muitas vezes, são decisivos para a formação da personalidade e para as relações sociais ao longo da vida.

Para Piaget (1976) o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência:

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo o intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão. (PIAGET, 1976, p.16).

De acordo com o autor, o afeto pode acelerar ou retardar o desenvolvimento das estruturas cognitivas. O afeto acelera o desenvolvimento das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual. Ou seja, a afetividade não explica a construção da inteligência, mas as construções mentais são permeadas pelo aspecto afetivo. Toda conduta tem um aspecto cognitivo e um afetivo, e um não funciona sem o outro, sem afeto não há interesse, necessidade e motivação pela aprendizagem, não há questionamento e, portanto, não há desenvolvimento mental. A afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra.

Para o educador consciente da importância da afetividade na construção do conhecimento de seus educandos, toda ação torna-se uma ação para transformação, pois não basta apenas educar para afetividade, é preciso educar na afetividade.

A afetividade se constrói na relação que uma criança estabelece com todos ao seu redor e que fazem parte de seu convívio diário, amigos e familiares. Essas relações afetivas iniciam na família, que vão se movendo, agindo e interagindo de forma positiva ou negativa. Por isso, no próximo capítulo será abordado sobre a superproteção parental e as consequências para a educação dos sujeitos.

4. SUPERPROTEÇÃO PARENTAL E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A EDUCAÇÃO DOS SUJEITOS

Como viemos discutindo ao longo deste trabalho, a superproteção parental é caracterizada por um nível de proteção exercida pela mãe, pai ou responsável, inadequado para o desenvolvimento da criança, podendo afetar negativamente o desenvolvimento cognitivo, comportamental e emocional desta.

A princípio precisamos compreender a diferença entre proteção e superproteção. Quando se trata da proteção, diz respeito ao cuidado, carinho e atenção dos pais, necessários ao desenvolvimento saudável da criança.

Segundo Cavalcanti, Silva e Porto (1990, p. 2): “A família apresenta em sua configuração a função de proteção e formação dos sujeitos, crianças e jovens, por meio de influências nos hábitos, costumes e valores”.

Ou seja, a proteção parental é o fornecimento de condições para suprir as necessidades básicas a criança, no sentido de incentivar seu desenvolvimento, criando vínculos seguros com autonomia. Quando essa proteção é apresentada e oferecida corretamente, certamente terá impacto positivo na criança, tornando-a independente e segura de suas ações.

Já a superproteção parental, é definida como um modelo de comportamento dos pais pautado no controle, que pode ser identificado por controle exagerado das atividades e rotinas da criança, mantendo-se sempre alertas e cautelosos, contribuindo dessa forma para o limitado desenvolvimento da autonomia de seu filho. Agindo dessa forma, a criança é impedida de desenvolver habilidades de enfrentamento e de resolução de problemas, podendo promover adultos dependentes e tímidos.

A esse respeito, Fisak & Grills-Taquechel (2007 apud Rita, 2008, p. 6) esclarecem sobre a influência da ansiedade e da superproteção parental perante situações de desempenho social: “A superproteção e a existência de um sistema de regras muito rígido e controlador, parecem proporcionar uma baixa autonomia e insegurança, perante o meio que no seu conjunto parece reforçar o comportamento ansioso”.

Ou seja, a criança ao nascer ainda não consegue identificar os elementos do mundo ao seu redor, principalmente em se tratando de pessoas e imagens. Afinal, tudo é novo para ela. E os pais, por falta de conhecimento acerca do desenvolvimento de seus filhos acabam ficando ansiosos, acreditando que elas são frágeis e necessitam de

cuidados constantes e supervisão. O que não percebem é que, ao não saberem dosar esses cuidados para com a criança, acabam se tornando pais superprotetores que são aqueles que estão continuamente querendo saber o que a criança está realizando, e por medo, a impedem de correr até os menores riscos que são necessários para o seu desenvolvimento. O que nos faz refletir que ser superprotetor pode provocar um resultado contrário, pois ao invés de proteger a criança e transmitir segurança, ela poderá se sentir insegura mediante a tantos cuidados que não a deixam amadurecer.

Segundo Macedo e Sandoval (2010 apud CAVALCANTI, SILVA; PORTO, 1990, p. 2):

[...] os pais superprotetores temem, sobretudo, o risco de sequestro, assaltos, acidentes e a oferta abundante e livre de álcool e drogas. Há, no entanto, um limite entre a preocupação aceitável e a excessiva, que pode fazer mais mal do que bem a uma criança ou adolescente. (MACEDO e SANDOVAL, 2010 apud CAVALCANTI, SILVA; PORTO, 1990, p. 2):

As autoras explicam que as práticas familiares acabam interferindo de forma autoritária no desenvolvimento da criança, as quais futuramente poderão influenciar e afetar no processo educativo e social do indivíduo, transformando-o em inseguro, com pouca criatividade, pouco participativo e desanimado para novas experiências.

No entanto, quando não há superproteção no meio familiar, poderá refletir de maneira positiva no desenvolvimento das crianças. É de grande relevância para a vida de todos os familiares que haja consciência da importância das relações estabelecidas, para que a criança seja vista como uma receptora de estímulos que auxiliarão seu crescimento, contribuindo para a formação de sua identidade e para as relações sociais afetivas até a sua fase adulta.

As autoras Cavalcanti, Silva e Porto (1990) enfatizam que:

O meio familiar se apresenta como um espaço significativo para o desenvolvimento infantil, pois, é através deste que a criança terá adquirido as regras e condutas iniciais de socialização, a partir dos valores e padrões oferecidos pelos mesmos. Também estão presentes, as influências externas que contribuem para esse desenvolvimento, mas o meio familiar se apresenta de maneira essencial. (CAVALCANTI, SILVA; PORTO, 1990, p. 5).

Desta forma, podemos compreender que o ambiente familiar exerce uma influência fundamental para o desenvolvimento das crianças. Com isso, a superproteção, que é compreendida como excesso de cuidado por parte dos pais para com seus filhos, poderá resultar em um bloqueio cognitivo, pois a criança poderá sentir-

se inibida e frustrada em seu crescimento e futuramente poderá gerar problemas sociais e afetivos.

Macedo (2011, p. 25), em sua dissertação de mestrado, salienta que: “a superproteção inclui uma componente emocional ansiosa que é demonstrada através de uma excessiva preocupação dos pais acerca do bem-estar dos seus filhos”.

Do mesmo modo, a família não consegue compreender que a criança que passa por ações superprotetoras, pode apresentar características negativas em seu comportamento e sociabilidade, entre elas podemos citar a insegurança, a birra, o medo, a dependência e a impaciência, que poderão ser mantidas ao longo de sua vida. Além disso, as crianças superprotegidas costumam não se responsabilizar pelas consequências dos seus atos, o que as torna mais propensas a desenvolver uma conduta antissocial.

Em sua tese de doutoramento, Macedo (2011) salienta ainda sobre os conceitos de superproteção, controle comportamental e controle psicológico parental, destacando algumas características distintas entre eles, as quais contribuem para facilitar a compreensão de cada um. Deste modo, são características do conceito de superproteção parental: a criança demonstrar excessivo controle físico e social, ansiedade parental e infantilização. Já no controle comportamental parental é acentuado os níveis de exigências comportamentais e estratégias disciplinares positivas/negativas. No que se refere ao controle psicológico parental, a autora menciona o constrangimento pela expressão verbal e individual, assim como estratégias de manipulação da emoção, indução de culpa, retirada de amor, indução de vergonha e criticismo.

Nesse sentido, segundo Macedo (2011), a superproteção familiar possui algumas características comuns presentes na educação das crianças, que fazem parte dos conceitos de superproteção, controle comportamental e controle psicológico parental. A primeira delas é a excessiva supervisão das atividades da criança, bem como o excessivo controle intrusivo. Além disso, há a restrição de independência.

Ou seja, o termo controle comportamental parental faz menção ao vasto conjunto de práticas e comportamentos dos pais utilizados para regular o comportamento dos filhos. Abrangendo uma grande variedade de comportamentos e os seus efeitos modificam em função da maneira como esse controle é praticado. Nesse sentido, o termo controle parental equivale aos termos “práticas educativas parentais” ou “práticas de socialização parentais”.

Um exemplo de superproteção parental pode ser apresentado através da análise do filme “Tudo e todas as coisas”, da autoria de Nicola Yoon (2017) onde conta a história de uma garota chamada Madeline Whittier, que está prestes a fazer 18 anos, mas não tem uma vida normal como toda adolescente, porque é portadora de IDCG, uma doença que faz com que sua imunidade seja quase inexistente, deixando-a despreparada para o contato com o mundo exterior. Com isso, desde bebê ela é criada em um ambiente controlado sob o olhar atento da mãe, que é também sua médica, e da enfermeira Carla. Os vírus e bactérias do mundo exterior colocariam sua vida em risco, por isso mesmo, até a casa da garota era adaptada, e por hipótese alguma, Maddie podia sair de casa.

A vida monótona de Maddie começa a ficar interessante quando vizinhos novos se mudam para casa ao lado. No descarregamento da mudança, que Maddie observa da janela do seu quarto, ela cruza o olhar com Olly, um jovem que mostra um olhar doce logo na primeira cena, mas como previsto, eles não poderiam ter um contato muito além disso, e uma comunicação através da janela do quarto se inicia. Olly na casa dele e Maddie na dela. Não muito depois, os dois começam a trocar mensagens pelo celular, até que Maddie tenta convencer a sua enfermeira, Carla, a deixá-la ter um encontro escondido com Olly enquanto sua mãe está no trabalho, com o distanciamento necessário. Carla se deixa convencer e os dois se encontram, com muita timidez eles conversam e a partir desse momento a ligação dos dois personagens começa a ficar mais intensa.

A relação pula rapidamente de amizade para amor, e Maddie acaba abrindo os olhos para um mundo que ela nunca havia vivido fora de sua luxuosa "prisão". A doença não seria a única barreira que encontrariam, a mãe de Maddie jamais aprovaria uma amizade entre os dois, muito menos um romance, ou qualquer coisa que envolvesse ela sair de casa. Mas Maddie era jovem e estava apaixonada. Suas escolhas a levaram por um caminho sem volta, onde correr risco de vida se tornou o menor de seus problemas.

Escondida da mãe, Maddie compra duas passagens para o Havaí e parte para viagem com o garoto. Lá, ela aproveita a liberdade e eles declaram seu amor mútuo, entregando-se um ao outro. Após isso, a garota passa mal e é internada, voltando para casa em seguida. Maddie recebe uma ligação da médica que a atendeu no Havaí e ela diz que não tem imunodeficiência grave, que foi apenas uma infecção viral. Maddie decide confrontar a mãe e ela conta que "inventou" a doença, para evitar perder a filha, já que seu marido e filho morreram há anos e com medo, ela criou a história.

Situações parecidas a essa de Madeline Whittier são facilmente detectadas em muitas famílias, onde não possuem preparação psicológica para cuidarem e guiarem os filhos de uma forma saudável, preferindo agir com a superproteção causando constrangimentos a eles.

A esse respeito Macedo e Sandoval (2010), salientam que:

[...] as crianças superprotegidas acham que os outros resolverão todos os seus problemas. Por isso, o risco de se tornarem compulsivas ou entrarem no universo das drogas é maior. Com elas, conseguem a sensação de mundo cor-de-rosa que os pais proporcionavam enquanto as mantinham dentro de uma bolha. (MACEDO; SANDOVAL, 2010, p. 6-7).

Faz-se necessário destacar que a superproteção transforma o cuidado em controle. O exagerado controle parental da criança, resulta em maior incapacidade e insegurança em lidar com a vida. Por sua vez, a vulnerabilidade das crianças reflete nos pais uma insegurança e instabilidade emocional que afetam o desenvolvimento cognitivo dos filhos. Pois os pais possuem a ilusão de que podem proteger seus filhos de experiências negativas e sentimentos de ameaça. Proteção é um cuidado absolutamente necessário para o crescimento dos filhos. Segundo Taylor e Alden (2006 apud Almeida, Viana, Alves e Balduino, (2016):

Quando os pais não proporcionam aos seus filhos oportunidades de lidarem com situações adequadas ao seu nível de desenvolvimento, com o intuito de os proteger de possíveis ameaças, muito provavelmente estão a aumentar a percepção da criança de ameaça e a reduzir os seus sentimentos de eficácia e controle sobre as situações. Os pais ao transmitirem aos filhos uma visão do mundo enquanto local ameaçador, estão a aumentar a probabilidade das crianças recorrerem as estratégias de evitamento perante os mais diversos estímulos que as rodeiam (TAYLOR; ALDEN, 2006 apud ALMEIDA, VIANA, ALVES; BALDUINO, 2016, p. 6 e 7).

A superproteção cria não apenas a insegurança em quem vive dentro desta realidade, mas pode gerar também a sensação de que para tudo o que acontecer em sua vida sempre haverá alguém para lhe dar suporte, proteção, auxílio, e que isto é necessariamente uma obrigatoriedade para as pessoas que vivem ao seu redor, ou seja, saciar seus desejos e obedecer às suas ordens.

Destaca-se que a superproteção se torna uma realidade quando não são oferecidas às crianças chances reais de aventurar-se no mundo por conta própria. Ou seja, para tudo há sempre algum acompanhamento dos pais, seja para ir à escola, ao clube, ao shopping ou mesmo em praças por períodos mais demorados de tempo, nos

quais os pais, por insegurança impedem os filhos de realizarem alguma atividade nas quais eles não estejam incluídos. Segundo Macedo e Sandoval (2010, p. 4):

Em geral, os pais superprotetores são inseguros e ansiosos. Temem que seus filhos deixem de amá-los, esforçam-se para não fracassar em sua educação e têm pavor de ser julgados por parentes e amigos. Tudo somado, excedem-se na ânsia de acertar sempre. (MACEDO; SANDOVAL, 2010, p. 4).

Sabemos que os pais devem cuidar e proteger seus filhos, mas ao mesmo tempo, prepará-los para a vida, pois certamente algum dia irão buscar seu espaço na sociedade em que vivem.

Diante desses apontamentos citados, há a necessidade de relacionar também as consequências que essa superproteção parental causa na vida de crianças. Como vimos, os pais superprotetores acreditam que devem fazer de tudo por seus filhos, pois pensam que as crianças são incapazes de serem independentes e autônomas.

A vontade de proteger os filhos e mantê-los por perto direcionando seu caminho é algo normal. Afinal, pais amorosos zelam pela educação e segurança de seus filhos. Todavia, a superproteção dos pais remove das crianças as responsabilidades que são muito importantes para o seu crescimento e amadurecimento. Como resultado, filhos superprotegidos não vivenciam experiências fundamentais para desenvolverem a autoestima, a confiança em si mesmos e o crescimento pessoal.

Um dos principais efeitos da superproteção é que não é oportunizado às crianças que aprendam por si mesmas a resolver as situações-problema do dia a dia. Isso certamente contribuirá para que sejam mais propensas a desenvolver ansiedade e a terem maiores dificuldades emocionais.

Quando a criança possui autonomia, consegue construir sua autoestima a partir de bases sólidas, percebem que são capazes de enfrentar situações rotineiras. Isto por sua vez ajudará a administrar com eficácia suas emoções como a ansiedade, o medo e a frustração. Pois cada vez mais vai adquirindo maior experiência em circunstâncias difíceis.

A criança que vive sob a superproteção dos pais, provavelmente, terá mais problemas para se desenvolver, podendo tornar-se um sujeito frágil diante das demandas do cotidiano, desde as mais simples até as mais complexas. Ressaltando que os pais, ao tentarem precaver o sofrimento dos filhos, acabam por protegê-los demais e não permitem que eles aprendam sozinhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A superproteção parental é um assunto bem atual, mas com poucos estudos referentes a ele. Por isso, esse trabalho pretendeu entender o papel da família e o impacto de uma educação superprotetora para o desenvolvimento das crianças, e assim melhor compreender como essa relação pode interferir no desenvolvimento da criança, e como esse excesso de superproteção se torna um problema. Para isso utilizei o tipo de pesquisa exploratória utilizando como procedimento a pesquisa bibliográfica.

Como vimos, a Teoria do Apego (BOWLBY, 2002) foi de fundamental importância para compreendermos o impacto que a superproteção causa no desenvolvimento infantil, visto que ela descreve como os primeiros vínculos de um indivíduo podem moldar as expectativas futuras dele sobre si e sobre o mundo, influenciando suas relações, a maneira como se enxerga o mundo e como enxerga os outros, com o passar do tempo essas representações feitas pela criança ficam cada vez mais complexas e vão fazendo parte da construção da sua personalidade. A criação dessas representações resulta na elaboração de um modelo interno da própria criança, que mais tarde começa a se externar nas suas primeiras relações e interações com outras pessoas. Por isso, vê-se a necessidade dos pais saberem fazer a dosagem equilibrada dos cuidados com os filhos, para que isso não ocasione problemas psicológicos, sociais e afetivos para a criança.

Sabemos que a missão de educar as crianças não é nem um pouco fácil, pois para que tenham um desenvolvimento integral e saudável se faz necessário que cresçam com equilíbrio. Existem inúmeros casos nos quais os pais ou são excessivamente amorosos e superprotetores, ou simplesmente são indiferentes e, até mesmo, chegam a abandonar seus filhos de forma afetiva, ou no sentido literal da palavra, esses dois extremos podem causar diversos problemas para as crianças como ansiedade, estresses, solidão, inferioridade, baixa estima e insegurança, que podem se manifestar tanto na infância quanto na fase adulta.

A superproteção é uma insegurança/medo dos pais em relação a “independência” de seus filhos, que muitas vezes foi herdado da sua criação, ou surgiram com o decorrer dos anos ao verem a sociedade cada vez mais violenta. Muitas vezes, esses pais assumem responsabilidades das crianças e as tratam como se fossem menores do que realmente são, tendo um cuidado excessivo, com medo de que vão se machucar. É comum querermos proteger as pessoas que amamos, e fazermos

quase de tudo para evitar que elas se machuquem ou se magoem, ainda mais quando se trata de crianças, procuramos tanto evitar que elas se machuquem, e acabamos impedindo que a criança aprenda lições importantes para o seu processo de aprendizagem.

Ao longo do texto vimos como a superproteção na infância dificulta o desenvolvimento da autonomia, podendo gerar comportamentos egoístas e um sentimento de insegurança. No contexto escolar, identificar uma criança superprotegida não é uma tarefa muito difícil, geralmente, ela pouco interage na construção e montagem das brincadeiras, mostrando-se mais passiva e submissa às ideias dos outros, tendo dificuldades de adaptação, pois possuem mais dificuldade de interagir com os colegas, e em alguns casos, preferem o isolamento.

Nesse sentido, vale salientar que o professor deve evitar ter uma postura controladora com essas crianças. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando a criança está pintando um desenho e o docente acaba interferindo, determinando onde pintar e com que cor pintar. Com isso, retira-se a possibilidade de a criança aprender com os próprios erros. Consequentemente, dificultamos a aprendizagem, que vem da percepção das consequências positivas e negativas das próprias ações, além de contrair a capacidade criativa.

É certo que muitos pais não querem que os filhos sofram. Porém, facilidade nem sempre é sinônimo de felicidade, pois ao facilitarmos as coisas para as crianças, impedindo que elas enfrentem alguns desafios agora, terão muitas dificuldades em resolver sozinhos os desafios que vão se impor no futuro.

Com isso, não estamos negando a necessidade de cuidado, vínculo e afeto por parte dos pais ou responsáveis na educação de seus filhos. Ao contrário, eles são de extrema importância para que a criança tenha proteção e segurança, para um desenvolvimento emocional favorável. Por isso, o abandono é um fator de risco para o pleno desenvolvimento, que pode ter consequências para toda a vida, causando alterações psicológicas e, até mesmo, neurológicas nas crianças, como por exemplo, com a negligência em relação à alimentação que leva à desnutrição severa e à danos neurológicos. Assim, quando se fala de abandono, não se trata apenas da presença física, mas também da atenção dedicada à criança, fortalecendo relações de confiança.

Com base em tudo que foi exposto, tanto a liberdade excessiva quanto a muito restrita são prejudiciais, porque levam a criança e o adolescente a fazerem uma leitura irreal da vida. Mas levando em consideração o aumento da violência, algumas atitudes

como de não permitir que a criança brinque sozinha na rua até tarde ou pedir para que não converse com estranhos, ou que não saia de perto de você no shopping ou supermercado são atitudes normais e essenciais de cuidado e proteção e não superprotetoras. O ideal é encontrar um equilíbrio, permitir que aprenda errando, e para isso é necessário que ela se sinta protegida em casa e na escola de forma livre e responsável, e assim ela terá um bom desenvolvimento emocional e social.

Enfim, há muitas questões que envolvem as relações de apego e de superproteção e como isso afeta o desenvolvimento das crianças. Assim, ainda que esta pesquisa não tivesse a pretensão de conseguir responder a todos esses questionamentos, esperamos que este trabalho tenha contribuído para motivar outras investigações na área, pois esta é uma problemática bastante recorrente e que tende a tornar-se cada vez mais frequente nas famílias, devido a forma de organização da sociedade atual.

REFERÊNCIAS

- AINSWORTH, M. (1978) **Padrões de apego: Um estudo psicológico da situação estranha**. Hillsdale: Erlbaum.
- AINSWORTH, M. (1989) **Attachments beyond the infancy**. *American Psychologist*, vol. 44, nº 4, pp. 709-716.
- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: técnicas e jogos**. São Paulo: Loyola, 1995.
- ALMEIDA, Ana Carla Fonseca de. Viana, Adriana Francisca Santos. ALVES, Alessandra Clementino. BALDUÍNO, Tatiane Batista. **Consequências Sociais da Superproteção Parental em Adolescentes**. Tese. 2016. <http://revista.universo.edu.br>.
- Amorim, K. S., Costa, C. A., Rodrigues, L. A., Moura, G. G., & Ferreira, L.D. (2012) **O bebê e a construção de significações, em relações afetivas e contextos culturais diversos**. *Temas em Psicologia*. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v20n2/v20n2a02>. Acessado em 21/11/2022.
- ANTUNES, C. **Como ensinar com afetividade**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2008.
- ARRIMADA. Mário. **6 sinais de que você está superprotegendo seu filho**. Portal Raizes. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/6-sinais-de-que-voce-esta-superprotegendo-seu-filho>. Acesso em: 15 de set, 2022.
- BOWLBY, John. Coleção **Apego e Perda: Apego: A natureza do vínculo**. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- BOWLBY, J. (1940) **A influência do ambiente inicial no desenvolvimento da neurose e do caráter neurótico**. *Revista Internacional de Psicanálise*, vol. 21, pp. 1-25.
- BOWLBY, John. (1989) Uma base segura: **Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CASSIDY, J. (1999) The nature of child's ties. In: CASSIDY, J. & SHAVER, P. (Orgs.). *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications*. New York: The Guilford Press. pp. 3-20.
- CAVALCANTI, Anilma Barreto; SILVA, Silvania Jesuina Gomes da; PORTO Zélia Granja. **Percepções parentais da superproteção na educação infantil**. Tese, PE-UFPE, 2014
- DALBEM, Juliana Xavier; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 12-24, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 dez. 2021.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

FREITAS, Nathália Ferraz. **A Teoria do Apego na creche: um olhar para o papel dos vínculos no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas.** Dissertação, UNESP, Campus de Presidente Prudente/SP, 2020

GOLSE, B. (1998). **O Desenvolvimento Afetivo e Intelectual da Criança** (M. L. Homem, trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1985).

LIMA, Elvira Souza. **Como a criança pequena se desenvolve.** Rio de Janeiro: Sobradinho, 2001.

MACEDO, Daniela; SANDOVAL, Gabriella. **Excesso de proteção faz mal ao seu filho.** Revista Veja, São Paulo, n. 15, 2010.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoleti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

NAPOLI, Francesco et al. **Consequências Sociais da Superproteção Parental em Adolescentes.** revista de trabalhos acadêmicos—universo belo horizonte, v. 2, n. 1, 2016.

PACHECO, Ana Sofia Matias Branco. **Proteger ou Superproteger?** Dissertação, Porto Alegre, Instituto Politécnico de Portalegre, 2013

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e aprendizagem.** Studyingteaching, p. 1-8, 1972.

PIAGET, J. La Prise de Conscience. Paris: PUF, 1974. **A Tomada de Consciência.** São Paulo: EDUSP/Melhoramentos, 1974.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1985.

PIAGET, Jean; INHELDER, B. **A Psicologia da Criança.** 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

RITA, Andreia Maria Pereira Santa. **A Influência da Ansiedade e da Superproteção dos Pais, no Desenvolvimento da Ansiedade Social em Crianças de Idade Pré-escolar.** Dissertação de Mestrado, Portugal, Universidade do Algarve, 2018.

SKINNER, B. F. **Tecnologia do ensino.** Trad. Rodolpho Azzi. São Paulo, SP: Herder, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Um estudo sobre emoções e sentimentos.** Tese de Dissertação Doutorado em Educação. Educação PUC - Campinas. 2012.

VYGOTSKY, L.S..**Obras Escogidas: problemas de psicologia geral.** Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 387.1982.

VYGOTSKY, L. S. **The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In The collected works of L. S. Vygotsky** (Vol. 6: Scientific Legacy) (R. Rieber, Ed.; M. J. Hall, Trans.; p. 71–235). New York: Plenum. 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WALLON, Henri. **Les milieux, les groupes et la psychogenèse de L'enfant. Enfance.** Paris, n.3, v.4, p.287-296, Mai-Oct, 1954.